

## O IMAGINÁRIO SOCIAL DA LEITURA EM GOIÁS

VASCONCELOS, Maria Luiza Batista Bretas<sup>1</sup> ; TURCHI, Maria Zaira<sup>2</sup>

Palavras-chave: História, Imaginário e 'sociografia' da leitura

### 1. INTRODUÇÃO (Justificativa e Objetivos)

A leitura, com frequência, tem sido foco de discussões, debates, teses, simpósios, congressos, nesses últimos anos. Estudos que versam sobre as implicações, valores e ideologias que permeiam o ato de ler multiplicam-se sistematicamente.

A leitura do texto literário, como a entendemos, demanda um estágio além do que simplesmente saber ler, perspectiva básica para o letramento. Antoine Compagnon, em ensaio sobre o leitor em que apresenta um estudo do filósofo I. A. Richards sobre a leitura de poemas entre seus alunos, observa que o problema principal na interpretação do texto está no leitor “a quem é preciso ensinar a ler mais cuidadosamente, a superar suas limitações individuais e culturais” (Compagnon, 2001, p.142). Tal complexidade na leitura do texto literário, incluindo-se especialmente o texto poético, tem sido a causa de muitos fracassos no âmbito escolar. Professores não-leitores, despreparados diante do que fazer com o texto literário, tentam impingir a seus alunos a crença positiva que permeia o imaginário social de que essa leitura é fundamental, sem contudo transmitirem segurança e certeza nessa prática.

Roger Chartier, historiador, pesquisador e orientador de estudos sobre o livro e a leitura, articula algumas reflexões sobre a *praxis* da leitura no âmbito escolar. Quando questionado sobre o discurso segundo o qual as classes mais jovens se afastam da leitura, afirma o pesquisador, que os adolescentes, mesmo os que não são considerados leitores, lêem coisas diferentes do que lhes é cobrado pelo cânone escolar, e declara ainda:

O problema não é tanto o de considerar como não-leituras estas leituras selvagens que se ligam a objetos escritos de fraca legitimidade cultural, mas é o de tentar apoiar-se sobre essas práticas incontroladas e disseminadas para conduzir esses leitores pela escola, mas também, sem dúvida, por múltiplas outras vias, a encontrar outras leituras (Chartier, 1998, p.104).

Observa-se, pela declaração de Chartier, que sendo um espaço privilegiado do primeiro contato do aluno com o livro, a instituição escola ainda não está preparada e não aproveita esta oportunidade para conduzir a criança e o adolescente no caminho de múltiplas leituras, e principalmente da leitura literária, que os prepararia para o processo de formação do leitor pleno.

Esta lacuna, deixada pela escola em relação à formação do leitor, pode ser mais bem vislumbrada quando se analisam os dados de pesquisas recentes sobre a leitura no Brasil. Encomendada ao IBOPE, pelo Instituto Italiano PISA, e publicada em março de 2002 pela UOL Educação, essa pesquisa, desenvolvida em âmbito internacional, aponta que entre os dois mil (2000) brasileiros pesquisados, apenas vinte e seis por cento (26%) conseguem ler e entender um texto mais complexo, estabelecer relações e fazer inferências; trinta e um por cento (31%) conseguem ler e localizar uma informação explícita simples num texto curto; trinta e quatro por cento (34%) conseguem obter uma informação não explícita, mas em um texto curto. Além disso, nove por cento (9%) são analfabetos funcionais, lêem mecanicamente mas não conseguem compreender. Essa estatística coloca o Brasil em penúltimo lugar na leitura plena, o que traça um perfil cultural desolador. Essa situação agrava-se em relação à leitura literária que exige um leitor mais bem preparado, capaz de interpretar a complexidade do texto literário.

Diante deste quadro preocupante torna-se importante investigar como acontecem as leituras no ambiente escolar; com o objetivo de responder a alguns questionamentos servirão de caminho para a pesquisa a ser desenvolvida, tais como: As crianças estão lendo? Como e quanto professores e alunos estão lendo? Como o professor desempenha o seu papel de incentivador da leitura? Que imagens professores e alunos têm da leitura? Que dificuldades estão implícitas na leitura do texto literário? Como procedem na leitura e na interpretação de um mesmo texto literário crianças de diferentes regiões do Estado? Enfim: Qual é o imaginário social da leitura em Goiás?

Numa perspectiva antropológica, Gilbert Durand (1997, p.32-42) vê no imaginário um conjunto de imagens possíveis produzidas pelo ser humano e na imaginação a origem para uma libertação. Sendo o imaginário algo verdadeiro, o que dá sentido às ações, segundo o estudioso, ele torna-se também o conector das representações humanas. Partindo-se da hipótese de que o imaginário social empresta à leitura um papel transformador, de valor positivo e libertador, o projeto a ser realizado versará sobre o conjunto das imagens produzidas em relação à leitura e que implicações resultam na relação entre o leitor e o texto literário.

A proposta deste projeto de pesquisa de doutorado, portanto, é traçar uma “sociografia” (Chartier, 1999, p.117) da posse da leitura no Estado e, acima de tudo, contribuir para ações que visam reverter a situação em que ainda se encontram grande parte de nossos alunos.

O percurso a ser traçado nessa teia do imaginário social goiano em relação à leitura, poderá apontar na direção do que observa Cornelius Castoriadis (1995, p. 161) sobre o papel do imaginário de alienação ou de criação no curso da história. A análise desse papel será objeto de investigação, isto é, se o imaginário social desta ou daquela região vem traçando para sua população infantil e juvenil o destino da alienação, ou se, por outro lado, há o compromisso da leitura literária como fonte de incentivo à imaginação criadora.

## **2. METODOLOGIA**

Para traçar a “sociografia” da leitura, o projeto prevê a divisão do Estado de Goiás em quatro regiões, e de cada uma escolhemos um município para trilhar esse

trajeto de investigação. Da região norte será investigado o município de Uruaçu; da região nordeste, a cidade de Posse; da região sudeste, Pires do Rio; da região noroeste Rio Verde e, finalmente, será investigada também a capital Goiânia, na região metropolitana, sempre em turmas da 4ª série do Ensino Fundamental.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As pesquisas de campo terão início ainda neste ano. Até o presente momento estamos no aprofundamento teórico e na preparação do texto e questionário a serem trabalhados com os alunos e professores.

### 4. BIBLIOGRAFIA

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO e outros. *Retrato da leitura no Brasil*. Pesquisa publicada em 2001.

CARNEIRO, Flávio Martins. *Entre o cristal e a chama: ensaios sobre o leitor*. Tese de doutorado apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1996.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Tradução de Guy Reynaud. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1995.

CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger (org.). Tradução Cláudia Cavalcanti e outros. São Paulo: Ática, 1999.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice P. B. Mourão e Consuelo F. Santiago. Belo Horizonte : UFMG, 2001.

CONHECIMENTO E ATITUDES PARA A VIDA: resultados do PISA 2000 – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes / OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômicos; (tradução B & C Revisão de textos S. C. Ltda.) – 1ª ed, 2003.

DURAND, Gilbert. *Estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arqueologia geral*. Tradução de Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

----- . *O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Tradução de René Eve Levié. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas. Relatório SAEB 2001. Brasília, 2002.

### 5. CONCLUSÃO

Traçar a ‘sociografia’ da posse da leitura e do livro no Estado de Goiás nos permitirá elucidar as dificuldades e apontar possíveis soluções para a prática da leitura literária, bem como contribuir para o processo de formação do professor leitor com vistas a melhoria do ensino.

### FINANCIAMENTO – Bolsista da CAPES

<sup>1</sup> VASCONCELOS, Maria Luiza Batista Bretas. [dubienal@yahoo.com.br](mailto:dubienal@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> TURCHI, Maria Zaira. [zaira@letras.ufg.br](mailto:zaira@letras.ufg.br)